

Cidades já têm de se planejar diante das alterações do clima

Ondas de calor intenso, chuvas mais fortes e oceano mais quente são realidade; especialistas fazem alerta

ARMINDA AUGUSTO
DA PREMIAÇÃO

Mais de 160 nações estão representadas, desde quinta-feira, em mais uma conferência mundial do clima organizada pela ONU: a COP 28, que acontece em Dubai, nos Emirados Árabes Unidos, até dia 12. No centro das discussões, duas abordagens principais: como reduzir as emissões de gases de efeito estufa — que comprometem a camada de ozônio e impactam o clima — e como será o fundo de recursos para ajudar os países pobres a enfrentar as mudanças climáticas presentes.

Já faz tempo que as alterações no clima deixaram de ser um debate apenas entre lideranças mundiais, porque já vêm sendo sentidas pela população de todos os países, tanto em ondas de calor extremo quanto no regime de chuvas mais intenso, secas e tempestades jamais registradas em algumas cidades. Neste ano, os picos de calor, antes mesmo do início do verão, já chegaram a 42 graus em São Paulo, com sensação térmica superior a 45.

Os municípios da Baixada Santista não estão isentos dessa trajetória de elevação das temperaturas e podem ser ainda mais impactados por estar localizados



Neste ano, picos de calor, antes mesmo do verão, chegaram a 42 graus em São Paulo, com sensação térmica superior a 45. Santos é exemplo

na costa brasileira, com influência direta do aquecimento dos oceanos e regime de chuvas diferenciado. Diante desse cenário, especialistas e pesquisadores alertam: a região precisa criar mecanismos de proteção e de resiliência climática, adotando, preferencial-

mente, soluções baseadas na natureza (SBN). Trata-se de iniciativas que usam o próprio meio ambiente para proteger as cidades e os cidadãos de alagamentos, deslizamentos nas encostas de morros e com áreas mais frescas para combater o calor intenso.

Os municípios da região já se mobilizam para instituir medidas que reduzam esses impactos (veja matéria na página A-4).

PREFEITOS ENGAJADOS

"Estamos falando de um processo de mudanças do clima há muitos anos e, ago-

ra, elas já estão sendo sentidas", diz Ronaldo Christofolletti, coordenador do Maré de Ciência, da Unifesp Baixada Santista, especialista em oceanos e uma das principais fontes locais para o tema. Ronaldo está em Dubai para a COP28 e entende como preocupante o estudo

divulgado durante a semana, pela ONU, indicando que Santos é uma das dez cidades que podem ter 5% ou mais do território submerso pelo mar, de forma permanente, até 2050, se o atual nível de emissões de gases poluentes persistir.

"Até 2050, vamos ter pelo menos mais seis prefeituras nos municípios. Então, quem são os prefeitos que querem assumir o compromisso realmente necessário?", questiona. "Precisamos de ações que só vão sentir resultados em 10 ou 15 anos."

O professor lembra que o tema das mudanças climáticas vem ocupando espaço no noticiário desde o início do ano, quando ocorreram deslizamentos no Litoral Norte, e até agora, com chuvas intensas e ondas de calor. "Estou levando para a COP um pouco do que tem sido o noticiário no Brasil. Passamos o ano quebrando recorde de temperatura, de chuva, de elevação do oceano..."

NÃO RETORNO

Como pesquisador para temas relacionados ao oceano, Ronaldo Christofolletti destaca um dado pouco debatido: a temperatura média do oceano está há mais de seis meses acima da média, e ninguém previu esse fato. "Esse é um sinal de alerta muito claro. Já estão ocorrendo fenômenos que a ciência não conseguiu prever. O sinal de alerta é claro, de que o ponto de não retorno que a gente imaginava talvez esteja mais próximo do que pensávamos."

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal A Tribuna - Santos/SP

Seção: Cidades Caderno: A Página: 3